

Discurso proferido ao ser dado á Bibliotheca da Faculdade um exemplar
da conferencia do C.º Ruy Barbosa em Buenos Aires

Sobre a conflagração européa, que ensanguenta, neste lugubre momento, o solo da velha e culta Europa, transformando os homens em feras, abolindo toda a noção de humanidade, desfazendo a obra de 20 seculos de educação christan, tornando para traz os ponteiros do relógio que marca as horas na vida da humanidade, nenhuma phrase mais profunda, mais cheia de ensinamentos se proferiu, do que a do C.º Ruy Barbosa, quando affirmou que o troar dos canhões foi a consequencia das doutrinas pregadas nos livros e nas cathedras da Allemanha, conceito que fez desencadear sobre a cabeça do venerando brasileiro, o maior vulto vivo da humanidade, uma tempestade de improperios da parte dos germanomaniacos. De Hegel a Ihering, nada mais se fez do que divinizar o Estado, augmentar-lhe os poderes, declalar-o Providencia sobre a Terra, outorgar-lhe a infallibilidade juridica, proclamar o aniquilamento do individuo uma necessidade para a manutenção do corpo social, desse organismo que, no entender dos hegelianos, mais vale do que o humilde membro para quem, dizia Justiniano, em suas Institutas, foi feito o Direito. Desde Aristoteles, foi a idéa de ser o Estado um organismo aceita por muitos publicistas. O exagero porém da doutrina é do tempo

de Hegel, o verdadeiro pae do pangermanismo, porque, mais tarde, entendeu-se que o unico Estado que verdadeiramente comprehendêra a derrota a dar á vida da humanidade, fôra o predestinado que habita á margem direita do Rheno. Professaram nas cathedras os hegelianos que o Estado tinha por fim o desenvolvimento economico, o religioso e a cultura. A cultura officializada nos altos estudos, nos médios e até no ensino elementar, faz lembrar aquelle conceito de Heine de serem doze allemães uma duzia de allemães, ou o applicado por Savigny aos jurisconsultos romanos de serem os intellectuaes da patria de Ihering coisas fungiveis, podendo ser uns substituidos por outros: unificada a cultura, abolida qualquer iniciativa, tornados automatos os homens, convertido o organismo social em um maquinismo cujo director era o chefe supremo da nação, perdida assim a verdadeira noção de organismo social, por ter sido levada ao extremo, preparada se achava a terra de Guilherme para ser lançada como um bloco enorme, uma avalanche formidavel sobre o mundo culto. Isto, que, no Paraguay, foi considerado um abuso da religião ao serviço dos jesuitas, foi julgado, na Allemanha, um lidimo producto da cultura scientifica, digna de ser divinizada. A escola politica de Hegel, que teve seu mais brilhante adepto em Ihering, produziu na sciencia do Direito, a escola realista, que proclamou ser unicamente Direito o que quer o Estado. Foi a vontade soberana do kaiser, do congresso legislativo, desse congresso que elle dirige como governa seus soldados e seus cavallos de guerra, ou maneja seus canhões, foi essa vontade omnipotente que, segundo a escola realista de Merkel e de outros sabios allemães, constituiu o verdadeiro criterio para se saber o que é justo, e o que é injusto!

O *sciens bonum et malum*, que Deus attribuiu aos homens, quando expulsou Adão do paraiso, tornou-se um privilegio do kaiser. O individuo desapareceu diante

do Estado e o Estado era a vontade soberana, que se dizia paternal, mas que, por um capricho de momento, por um desarranjo mental do imperador, diagnosticado ha dezenas de annos pelo genio de Renan, atirou o povo allemão, á morte, á destruição sacrificando vidas preciosas, lançando a miseria e o lucto nos territorios de nações trabalhadoras e pacificas, zombando dos sentimentos cavalheiros do Rei dos Belgas, vomitando fogo pelos seus canhões, levando a guerra aos ares e ás profundezas do oceano, lançando em summa, sua mole brutal contra tudo o que produzira a civilização, como outrora Atila atirou suas cohortes sobre o mundo que a antiguidade civilizára, e reduziu o orbe conhecido ás trevas da Edade Média.

A antiguidade illuminada pelas luzes de Socrates, de Seneca, dos estoicos, e, por ultimo, esclarecida pela mais pura Moral, a de Christo, a antiguidade romana que, segundo Bossuet, foi, pelo seu amor á virtude, protegida por Deus, a antiguidade judaica, constituida e organizada pela bondade divina, a Grecia, onde a immortalidade da alma e a unidade de Deus foram proclamadas por Socrates e por Platão, a antiguidade foi varrida e assolada pelos barbaros, e ás portas de Roma foi aquelle cujo cavallo esterilizava a terra que pisava! Si a vontade do Estado é que representa o verdadeiro criterio para saber o que é justo e o que é injusto, claro que é logico o kaiser, quando rompe os tratados, proclama que sua vontade é o unico assento do direito Internacional, ou antes, que o Direito Internacional não existe. Luiz XIV foi omnipotente no interior do Estado, Guilherme quer ser o arbitro dos destinos da humanidade. Porque regulamentou a vida do povo allemão, segundo seu capricho, entende que este é o typo idéal a ser seguido por todos os povos. Pensa como pensava, segundo a aguda critica de Ramalho Ortigão, o Marquez de Pombal: destruida pelo terremoto, Lisbôa seria reconstruida a cordel, pelo plano do Marquez; tendo o Marquez antipathia aos jesuitas, estes se-

riam expulsos do Brasil a que tantos serviços prestaram, nunca tendo elles seguido aqui a orientação que adoptaram no Paraguay por culpa sómente das autoridades hespanholas e paraguayas; odiando, ou melhor, invejando o Marquez a nobreza, fez morrer no patibulo, e entre barbaras torturas, aquelles cujo unico crime era não terem nas veias o sangue plebeu do despota portuguez, e (oh incoherencia filha dos mais baixos sentimentos!) elle se nobilitava, como si a nobreza pudesse assentar naquella féra que desgraçou Portugal!

Apagada da mente humana a idéa de que ha uma justiça superior á vontade do despota allemão, proclamando-se isto como sendo uma verdade, preparado estava o povo para ser “perinde ac cadaver” nas mãos do imperador Guilherme. Tudo podia fazer o chefe supremo, não só as crueldades descriptas, com horror, por todos os espiritos rectos, mas até, affrontando a consciencia da humanidade civilizada, unir-se ao ultimo dos povos, áquelle que foi considerado mancha no corpo da bella Europa: a Turquia! A antiga nobreza considerava a ultima abjecção a alliança da nobreza christã com os cães infieis, a consciencia moderna considera como o ultimo dos actos, o mais repugnante, a transacção com gente sem moral, e Guilherme foi procurar para alliado de seu povo, que julga predestinado, o turco, que é notavel pela sua baixa moralidade!...

Da cathedra de Philosophia de Direito, pelas paginas da Revista da Faculdade, clamava sempre o nosso antigo mestre dr. Pedro Lessa contra o perigo da invasão das doutrinas allemans, que, de algum modo, eram acceitas pelo italiano Cogliolo e pelo inglês Austin.

Estes, porém, reconhecem fóra do Direito, uma norma moral, diante da qual devem se curvar os legisladores. Para os escriptores allemães, nada ha fóra da lei. Preluzindo os perigos, antevendo o abysmo a que taes doutrinas arrastariam a humanidade, aquelle que felizmente

tem hoje assento no mais elevado tribunal de nossa patria, tinha vibrações na voz, quando pregava contra o realismo e contra as doutrinas de Ihering, e o auditorio sentia que dentro do peito lhe batia forte o coração de homem, e de homem que ama a Patria, que respeita a Moral, e que se dedica ao culto da familia, culto espontaneo, e não o official imposto pelo kaiser, ou por seus prepostos.

Bello, dizem os germanomaniacos, é ver a ordem, a disciplina, a unidade de acção do povo de Guilherme, que, desta fórma, constitue, na guerra, um terrivel inimigo. Mas que!... E' este o destino da humanidade? Fomos nós creados, entre os carinhos maternos, para sermos enterrados vivos nas trincheiras, para sermos pisados nos campos de batalha, para sermos devorados pelos animaes carnivoros, pelos corvos carniçaes e pelos abutres, quando cahidos mal feridos no campo de batalha, jazendo á noite entre os mortos, para sermos despedaçados pelos canhões da casa Krupp, para soffrermos, em summa, toda a sorte de torturas e atrocidades da guerra? A humanidade tem outro idéal. Si uma nação se dedica unicamente á arte bellica, si sacrifica seus membros, si organiza maquinas aperfeiçoadas de destruição, si se unifica consagrando tudo á força na lucta, verá os outros povos colligarem-se para pôrem um termo a esta loucura. E' este, bem o disse o genio de Haya, o dever dos neutros, de accôrdo com a consciencia moderna, de accôrdo com os preceitos de Christo, do Christo que mandou que os homens se amassem. A humanidade tinha o rigoroso dever de se unir contra a féra que se levantou nas brumas da Allemanha, e de procurar acantoal-a de modo a não poder ella damnificar os vizinhos, nem perturbar a paz dos que querem trabalhar. Que significa a Allemanha tolhendo o nosso commercio, trazendo perturbações economicas ao Brasil, só porque dois Hoenzolernes, de mente desequilibrada, sonham as glorias de Alexandre Magno

ou de Annibal? Ha de o Brasil pagar a loucura de Guilherme? Hão de os nossos patricios exclamar, como nos tempos antigos: “Quid quid delirant reges, plectuntur Achivi?” Si, como dizia o mestre dos mestres, não pudermos tomar parte na guerra tremenda, derramando nosso sangue em defesa da civilização, outros processos de lucta temos contra aquelle que violou todas as leis naturaes, que, por sua perversidade e seu orgulho, perturbou nossas relações mercantis, e que pôz em perigo vidas preciosissimas de nossos compatriotas. Tudo quanto soffremos, tudo quanto soffre a humanidade, os navios submergidos pelos submarinos allemães, vidas de innocentes sacrificados, tudo se consumma para satisfazer o capricho de um despota, que pensa de accôrdo com Moltke: “A guerra é santa, de instituição divina, é uma das leis sagradas do mundo, mantém entre os homens todos os grandes e nobres sentimentos: a honra, o desinteresse, a virtude, a coragem, e os impede em summa de cahirem no mais horrivel materialismo!” Não! Não é isto verdade. A civilização moderna, particularmente a consciencia americana tem horror á guerra.

Laboulaye, em seu “Paris na America”, mostra quão horrivel é a regulamentação, e quanto ama o homem a liberdade. Sim! O homem não nasceu para, em parada, fazer as delicias do kaizer, do mesmo modo que os animaes adextrados deleitam, nas feiras e nos circos, ociosos. A dextreza, para os cães e para os cavallo de parada; para o homem, a liberdade. Sem exercitos, teremos nós a Patria defendida pela civilização, pela humanidade culta, que se levantou em defesa da Belgica. O horror da guerra, tão vigorosamente pintado por esse mesmo Laboulaye, por Guy de Maupassant, pelo genial Victor Hugo, que proclama que, “si roubar é uma vergonha, invadir não póde ser uma gloria”, está hoje na consciencia de todos os homens moralizados. Dizia Victor Hugo que, no seu tempo, a civilização, sob queixa do genero

humano, fazia o processo crime contra os conquistadores e capitães. Pois bem!... Já estes foram, ha muito, julgados e condemnados. Só falta ser executada a sentença que os condemnou como assassinos e salteadores. Foi o Conselheiro Ruy Barbosa que pediu a execução desta sentença suprema, sublime, ineffavel, proferida pela humanidade e pela civilização. E' para que a posteridade saiba que a mocidade de hoje já não tolera, não admite as atrocidades da guerra, que offerecemos aos archivos desta Faculdade o discurso da Aguia de Haya, onde se reflecte a consciencia dos moços. Possam os posteros realizar nosso idéal, si não o pudermos nós mesmos ver posto por obra.

BRAZ DE SOUSA ARRUDA,

Docente da Faculdade.

